

RODRIGO
DE
OLIVEIRA

PEDRO
IVO



ENTRE MUNDOS



FARO
EDITORIAL

PEDRO IVO E
RODRIGO DE OLIVEIRA

ENTRE MUNDOS

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Preparação **GABRIELA ÁVILLA**

Revisão **BÁRBARA PARENTE E CÉLIA REGINA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Ilustrações **PEDRO IVO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Oliveira, Rodrigo de

Entre mundos / Rodrigo de Oliveira, Pedro Ivo – São Paulo: Faro Editorial, 2021.
288 p.

ISBN 978-65-5957-015-7

1. Ficção brasileira 2. Contos de horror I. Título II. Ivo, Pedro

21-2163

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira



1ª edição brasileira: 2021

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

DOR INFINITA

Já eram quase duas horas da manhã quando Miguel chamou o filho e a esposa para irem embora daquela festa. A comemoração familiar seguia animada e parecia que ainda iria longe, mas eles tinham pela frente uma estrada de cerca de duas horas até chegar em casa, em uma cidade no interior do estado, a 150 quilômetros da capital, onde aquele evento estava acontecendo. Por isso, Miguel decidiu que era melhor que ele, Rubens e Flávia partissem naquele momento.

O filho conversava animadamente com Tânia, uma amiga de infância, quando Miguel se aproximou. O pai, vendo a cena, sorriu, pois sabia muito bem o que o jovem sentia pela moça, apesar de ele negar veementemente que houvesse algo além de amizade entre eles. Ele simpatizava com a jovem, mesmo ela tendo um passado terrivelmente conturbado e agora exibindo uma aparência um tanto quanto intimidadora, para dizer o mínimo, com tantas tatuagens pelo corpo e uma maquiagem bem pesada.

Flávia também se aproximou dos adolescentes e não se conteve ao ver a “nova” aparência da jovem:

— Tânia, não estou acreditando que você fez isso! — comentou a mãe de Rubens, observando os braços da moça riscados e coloridos. — Seus tios não te mataram?

— Bom, eles ficaram furiosos — ela respondeu sorrindo. — Ameaçaram inclusive denunciar meu tatuador, já que sou menor de idade, mas eu disse que não contaria quem ele era nem sob tortura. Fiz enquanto eles estavam viajando.

Tânia tinha só dezessete anos, mas era uma das pessoas mais decididas que Rubens já conhecera na vida. Ela era arrojada, corajosa, incrivelmente irônica e incisiva quando provocada. Com a pele outrora muito branca e os cabelos negros lisos, a moça sempre teve aparência angelical, mas agora ela havia passado por uma transformação total ao adquirir um estilo gótico.

— Você é maluca, mas eu te admiro! Também tenho vontade de fazer algumas dessas — ele disse, tocando o braço dela de leve.

— Quando você for maior de idade e pagar as próprias contas, fique à vontade — Flávia falou, enquanto Rubens fazia uma careta.

— Vamos embora, então? Já está muito tarde e desse jeito não vou conseguir ficar acordado na estrada — Miguel falou, enquanto conferia o relógio mais uma vez.

— Você bebeu muito! Nunca que eu vou deixá-lo dirigir nesse estado! — disse Flávia ao notar que o marido estava bem alcoolizado.

— Você também bebeu bastante, não é verdade? — Miguel retrucou, olhando para a esposa, que também parecia um pouco zonha.

— Só tomei duas taças de champanhe, o que foi muito menos que você — ela falou, um pouco sarcástica.

— Pode ser melhor ficarmos mais um pouco, então, assim esperamos nós dois melhorarmos — Miguel contemporizou.

— Sim, vamos ficar mais um pouco, não tem por que ter pressa! — Rubens completou, animado com a ideia de continuar conversando com Tânia.

— Não tem necessidade! Eu estou em condições de dirigir, já faz tempo que parei de beber. Vamos para casa agora, sim, estou bem cansada — Flávia argumentou, destruindo as esperanças do filho.

— Bom, então é melhor a gente se despedir, né? Pelo visto, nos veremos agora só na faculdade, certo? — Tânia comentou, sorrindo por causa do olhar de decepção de Rubens.

— Isso se eu conseguir passar no vestibular, né? — Rubens respondeu, levemente irritado.

— Olha, se você não conseguir, ninguém mais consegue. Nunca conheci alguém mais inteligente! — ela respondeu, sincera. — Eu é que preciso estudar igual a uma louca, tenho muito mais dificuldade — ela falou, ciente de que, se não conseguisse entrar em uma faculdade pública, jamais teria condições de fazer o ensino superior.

— Então continue estudando muito! Conto com você para ser minha companheira de aventuras quando eu me mudar para cá — Rubens falou, dando uma piscadinha para a amiga.

— Nós inclusive já combinamos com o Alex e com o Ryan, que vão alugar para o Rubens a edícula da casa deles quando ele vier para a faculdade. Assim ele vai poder morar com alguém da nossa confiança. Para eles vai ser ótimo, porque a casa que compraram é enorme e eles não têm filhos — Flávia comentou.

— A fofoca, Tânia, é que eles pagaram muito barato pela casa por causa da suspeita de que ali aconteceu um assassinato, acredita? — Rubens contou para a moça com ar de divertimento.

— Ah, Rubens, isso era só uma suspeita da polícia, nunca se comprovou nada. A verdade é que o mercado estava em crise e eles conseguiram fazer um ótimo negócio — Flávia comentou.

Rubens e Tânia trocaram mais algumas palavras, aproveitando que ele estava na cidade grande, o que era cada vez mais raro nos últimos tempos. Ia apenas a eventos de amigos ou da família.

Em seguida, ele e os pais se despediram de todos e partiram.

Rubens jogava no celular enquanto ouvia a conversa animada dos pais nos bancos da frente do carro. Flávia dirigia, pois tinha sido irredutível quanto àquilo, e Miguel precisou se conformar em viajar como passageiro.

— No ano que vem, nossa vida vai ser bem diferente. Vai ser estranho não ter você em casa todos os dias.

— Vocês falam como se eu já tivesse passado no vestibular! Eu queria ter essa mesma certeza — Rubens falou sério. — A concorrência é enorme e está superdifícil entrar. A Tânia tentou no ano passado e não conseguiu, e olha que ela estuda muito.

— Filho, você tem 158 de QI, quase como o Albert Einstein! E nunca tirou uma nota abaixo de 9 na sua vida; não há risco nenhum de não passar no vestibular.

— Uma vez eu tirei 7 — o jovem retrucou.

— Educação física não conta, não se faça de tonto — Miguel falou, divertido.

Rubens sorriu. Ele adorava o senso de humor do pai e a genuína relação de amizade entre os dois. Depois de alguns minutos de viagem, o cansaço começou a vencer o adolescente. Desistiu de jogar e colocou uma música para ouvir no celular. Olhou para o *smartphone* e sorriu. Para muitas pessoas, aquele tipo de aparelho era apenas um objeto qualquer, para uso corriqueiro, mas cujo funcionamento se revestia de absoluto mistério. Para ele, entretanto, tratava-se de algo muito óbvio. Rubens era capaz de desmontar e remontar um celular daquele de olhos fechados, com perfeito entendimento de como funcionavam os componentes e os aplicativos. Por isso, pretendia estudar engenharia da computação na faculdade. Aquele era seu talento, seu superpoder.

Depois de alguns instantes relaxando, ele finalmente caiu no sono.

Rubens acordou com um estrondo e com o carro inteiro sacolejando com violência extrema. Sentiu como se o ar de dentro do veículo o estivesse comprimindo de todas as direções, esmagando seus ossos e órgãos. Queria abrir os olhos, mas tudo acontecia tão rápido que esse simples gesto parecia impossível. Sentia tudo girando convulsivamente, enquanto um barulho de metal sendo amassa-

do o envolvia. Ele experimentou o gosto de vidro e sangue na boca, enquanto o tórax era pressionado pelo cinto de segurança, que tentava mantê-lo colado ao banco a qualquer custo.

Enquanto o veículo capotava, a cada novo impacto no chão, Rubens tinha a impressão de que a qualquer momento seus ossos seriam projetados para fora do corpo, rompendo músculos e artérias.

Depois de tombar três vezes, finalmente o carro parou, com as rodas no asfalto, no meio da rodovia. O jovem, entretanto, ainda não conseguia abrir os olhos, mesmo sabendo que haviam sofrido um acidente grave e que precisava se mover. Seu corpo parecia anestesiado, entorpecido.

— Filho! Você está bem?! — Miguel gritou, fazendo com que Rubens abrisse os olhos, o que exigia um esforço gigantesco. — Fala comigo, filho!

— Eu estou bem... — ele falou, olhando finalmente para o pai. Ele se surpreendeu com o que viu: o rosto de Miguel estava coberto de sangue. — Pai, você está ferido?!

— Eu estou bem, não se preocupe! — ele exclamou, enquanto tentava verificar a situação da esposa, que aparentemente estava desmaiada. — Flávia, fala comigo, amor, lembra!

Desesperado, Miguel saiu do carro e se assustou ao ver o veículo todo destruído e atravessado no meio da rodovia. Eles tinham colidido com outro automóvel, que vinha em sentido oposto, e, agora, também se encontrava arrebentado no meio da via, a uns 30 metros de distância.

— Meu Deus! — Miguel murmurou chocado. Em seguida, caminhou com dificuldade até a porta do motorista e viu que a esposa estava tentando recobrar a consciência. O vidro da janela tinha sido destruído e por isso ele conseguiu falar com ela sem abrir a porta do carro.

— Flávia, minha querida, você está bem? — Miguel perguntou, assustado, porém esperançoso, quando viu a esposa abrir os olhos.

— Eu... acho que sim... minhas pernas estão presas... — ela falou, ofegante. — Amor, desculpe, eu acho que dormi na direção, eu...

— Você dormiu?! Caralho, mãe, você não falou que...

— Desculpe, filho, eu...

— Rubens, fica calmo, não foi culpa da sua mãe, eu vou pedir...

Nenhum deles conseguiu concluir as frases. Um caminhão de pequeno porte surgiu do escuro, raspou na lateral do carro e arrastou Miguel para longe, diante do olhar aterrorizado de Rubens e Flávia, que gritaram em uníssono diante da cena impensável.

Depois disso, a visão de Rubens escureceu e ele não viu mais nada.

Qual é o seu nome?

— Eu... não sei. Quer dizer, eu... desculpe, quem é você? — perguntou, confuso.

Diante dele havia um desconhecido, que vestia farda e o encarava com preocupação. Ao fundo, ele conseguia escutar diferentes sons, como sirenes de ambulância, pessoas conversando e, bem mais ao longe, buzinas de carros disparadas por motoristas impacientes.

— Eu sou o soldado Mateus, da Polícia Rodoviária Federal. Você está sentindo alguma dor?

— Não sei... acho que sim — falou o rapaz de forma desconcertada, sem fazer ideia de por que estava travando aquela conversa com um estranho. Quando moveu o braço, o jovem sentiu uma dor aguda, que o fez retrair-se enquanto esboçava uma careta. — Sim, estou sentindo muita dor. O que aconteceu comigo?

— Qual é a última coisa de que você se lembra? — o soldado perguntou com educação, desviando-se deliberadamente da pergunta.

— Não sei, está tudo muito confuso... Eu estava no carro, jogando no meu celular. Depois, senti muito sono e decidi dormir um pouco durante a viagem... Onde nós estamos? Que horas são?!

— Nós estamos na rodovia intermunicipal e agora são 3h20 da manhã — o soldado informou consultando o relógio de pulso. Naquele instante, um segundo homem, também fardado, se aproximou. Ele

acendeu uma lanterna pequena diante dos olhos perplexos do jovem, que fechou a cara quando a luz feriu suas retinas.

— Alguma mudança? Ele conseguiu se lembrar de alguma coisa? — o recém-chegado perguntou.

— Quase nada. Já o questionei várias vezes, mas ele não consegue se lembrar nem mesmo do próprio nome, mas se recorda de estar no carro — o soldado falou.

— Nós já tivemos esta conversa antes? — o jovem perguntou, surpreso. — Eu não me lembro.

— Sim, algumas vezes nos últimos minutos — o soldado informou. — Não se recorda de nada mesmo?

— Rubens. Eu me chamo Rubens — o rapaz falou de forma automática. Até ele se surpreendeu quando pronunciou o próprio nome, e sentiu como se estivesse se referindo a outra pessoa. — Quem é o senhor?

— Eu sou o doutor Tobias, eu e minha equipe somos responsáveis pelos atendimentos de emergência aqui na rodovia — o médico falou, enquanto checava os sinais vitais de Rubens. — Você está sentindo alguma...

— Meus pais! — Rubens gritou de repente, já se colocando de pé em sobressalto, surpreendendo o médico. — Onde estão os meus pais?

— Calma, Rubens, sente-se, você precisa se acalmar agora — o doutor Tobias falou, colocando as mãos nos ombros do rapaz, que, no entanto, não se sentou. Permaneceu alerta e em pé. Finalmente, o jovem começou a entender onde estava.

Ele olhou à sua volta e viu as luzes de vários carros de polícia e ambulâncias ao redor. A alguns metros dali, um homem era imobilizado por um grupo de médicos. Um deles colocava um colar cervical no pescoço do infeliz, que parecia muito ferido, enquanto outro aparentemente tentava conectar uma agulha à sua veia.

— Espera, quem é aquele? É o meu pai? — Rubens perguntou, em pânico, tentando reconhecer o homem deitado no asfalto da rodovia. Mais à frente, era possível ver outra pessoa também estendida no chão. Rubens arregalou os olhos ao notar que era alguém coberto





por uma lona preta. Quem quer que fosse, já tinha partido para o mundo dos mortos. — Quem está ali? Quem morreu?!

— Rubens, acalme-se, aqueles são os ocupantes do outro carro, um casal que estava viajando na direção oposta — o médico explicou, tentando conter o jovem, mesmo sabendo que seria impossível. — Por favor, sente-se, você passou por uma experiência muito difícil.

— Quem está debaixo da lona? Quem morreu? — Rubens perguntou novamente, quase ríspido dessa vez.

— Uma moça de uns 25 anos, não sabemos ainda o nome dela. Fique sentado, por favor.

Rubens engoliu em seco. Morrer tão jovem parecia uma ofensa às leis da natureza. Quem seria aquela mulher? Haveria em algum lugar uma família esperando por ela que nunca mais a veria com vida?

— Eu não vou me sentar, quero saber onde estão os meus pais! O que está acontecendo?

— Rubens, calma, por favor. Quantos anos você tem? — o médico perguntou, tentando tranquilizar o jovem.

— Eu tenho dezesseis anos — ele respondeu, após alguns instantes de hesitação. Não queria desviar o assunto, precisava de respostas.

— Tenho um filho quase da sua idade, e sei que vocês, jovens, têm urgência em saber de tudo, mas preciso de verdade que você se tranquilize e...

Naquele instante, entretanto, o véu da memória foi removido. As lembranças que Rubens estava reprimindo foram resgatadas e o atingiram como um soco no estômago. O jovem sentou-se, não porque o médico pedira, mas porque sabia que, se assim não o fizesse, acabaria caindo.

— Meu Deus... eu me lembrei de tudo — ele sussurrou, com as lágrimas queimando seus olhos. — Meu pai! Onde está o meu pai? — Rubens berrou desesperado. O médico e o policial viram, pelo olhar do jovem, que ele finalmente estava lembrando o que havia acontecido.

— Rubens, filho, respira fundo. Você vai precisar de tranquilidade para lidar com essa situação. O motorista do caminhão não conseguiu desviar — o médico falou com suavidade, compadecido do olhar de desespero do rapaz. — Sua mãe está bem, nossa equipe conseguiu tirá-la do carro. Estão se preparando para levá-la para o hospital.

— Meu pai... morreu?! — Rubens perguntou em um sussurro, sentindo a pulsação acelerar.

— Não, Rubens. E por isso você precisa ser forte. Seu pai está em estado crítico, mas está vivo e pedindo para falar com você — o médico disse, sentindo o coração sangrar ao ver a dor e o desespero estampados na face do rapaz.

Rubens caminhava, amparado pelo médico e pelo soldado, em meio a um cenário de destruição total. Pedacos dos veículos estavam espalhados por todos os lados, enquanto carros da polícia, dos bombeiros e ambulâncias se encontravam estacionados de ambos os lados da rodovia. Mais à frente, um caminhão-baú pequeno estava enfiado no *guard rail*, e uma fumaça saía do capô destruído.

Rubens estava visivelmente ofegante; sua cabeça girava e a boca se tornara seca. Os olhos estavam cheios de lágrimas, prestes a desabar. Ele queria desmaiar, perder a consciência, desaparecer dali; não podia acreditar no que estava vivendo. Achava que iria vomitar a qualquer momento e sentia-se como um condenado sendo levado para a cadeira elétrica, obrigado a fazer a pior coisa do mundo.

Ao se aproximar do caminhão e olhar a cena, o jovem perguntou, rezando para ter entendido errado:

— Ele está debaixo desses ferros? É isso mesmo?

— Sim, está. Ele está quase sem dor, fizemos os primeiros socorros, mas não temos como tirá-lo daí sem machucá-lo gravemente, Rubens, sinto muito. É muito arriscado. Para removê-lo com segurança, será necessário aguardar a chegada de outros equipamentos, mas já soubemos que vão levar quase uma hora para estar aqui.

— Mas ele aguenta por tanto tempo?

— Olha, vou ser honesto com você: achamos que ele não vai resistir por muito mais tempo. Por isso, acho, de verdade, que você precisa falar com ele agora. Talvez seja a última chance de vocês conversarem. Acredite em mim, já passei por isso.

Rubens escutou aquilo e sentiu o estômago revirar mais uma vez. Não podia acreditar. Por quê? Tudo estava tão bem alguns minutos antes! Por que a mãe dele decidiu dirigir? Por que ela simplesmente não acatou a sugestão do seu pai? Tudo teria sido diferente se ela não tivesse insistido naquela ideia estúpida...

Rubens meneou a cabeça tentando afastar aqueles pensamentos que pareciam querer levá-lo à loucura. Ele precisava ser forte, seu pai tinha que ser sua prioridade naquele instante.

Três enfermeiros estavam deitados no asfalto, enfiados sob o caminhão, tentando prestar atendimento a Miguel. Um deles, vendo Rubens se aproximar, falou com o doutor Tobias.

— Ele é o filho?

— Sim, ele mesmo — o médico respondeu.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? Ele é apenas um garoto, eu achei que fosse mais velho, pois o pai não para de falar que o filho vai para a faculdade no ano que vem!

— É, ele é novo, mas que escolha nós temos? — respondeu o médico. Não podia negar a um moribundo a chance de se despedir do único filho.

O enfermeiro soltou um suspiro pesado.

Rubens começou a tremer, olhando para o caminhão, tal qual um imenso sarcófago de metal que agora aprisionava seu pai. Um dos enfermeiros falou com Miguel, que ainda permanecia invisível para Rubens.

— Seu filho está aqui, aguenta firme!

Rubens sentia o mundo inteiro ficar ainda mais escuro ao seu redor, mas, ao mesmo tempo, parecia captar todos os detalhes daquela cena, a placa e o modelo do caminhão, o número de ambulâncias

paradas e de bombeiros que participavam do resgate e tudo o mais que ali acontecia.

Quando chegou próximo ao veículo, sua coragem finalmente se esvaiu. Ele não conseguiria fazer aquilo, não queria seguir em frente. O enfermeiro, ajoelhado ao lado do caminhão, esticou a mão para ele, oferecendo-se para ajudá-lo a se abaixar.

— Venha, seu pai está aqui — o enfermeiro falou. — Coragem, está tudo bem.

— Filho? Você está aí? — Miguel gritou sob o caminhão com uma voz fraca, no limite de suas forças.

Rubens chegou a colocar um dos joelhos no chão, mas, quando começou a se abaixar e enxergou parcialmente Miguel preso debaixo do veículo, esmagado contra o asfalto, sua coragem implodiu.

— Não... não consigo... desculpe... — Rubens murmurou, com as lágrimas caindo copiosamente. — Eu sinto muito, pai...

— Rubens, fala com seu pai, é melhor você...

— EU NÃO CONSIGO! NÃO! NÃO POSSO!!! — Rubens gritou, apavorado e destruído. Aquela não era a última imagem que queria guardar do pai. Ele queria se lembrar de Miguel como o homem cheio de vitalidade, brincalhão e caloroso que sempre havia sido. Vê-lo mutilado sob toneladas de aço, exalando seus últimos suspiros, era algo que não teria como suportar.

Rubens se soltou das mãos do médico e do policial e correu na direção oposta. Todos que ali estavam, policiais, bombeiros, médicos e outros motoristas, viram aquela cena desoladora: um adolescente de dezesseis anos correndo pela rodovia, de madrugada, em meio a pedaços de carros destruídos, com lágrimas voando dos olhos, enquanto o vento gélido da madrugada fustigava-lhe o rosto.

— Rubens! — Miguel gritou como pôde, preso sob a carroceria, chorando também, enquanto sua consciência se esvaía e sua alma mergulhava no vazio. — Eu te amo, filho! Sempre vou te amar, não se esqueça disso! Não se esqueça de mim!

E, assim, pai e filho nunca mais se viram.

* * *

Durante o funeral, Rubens não conseguiu sequer chegar perto do caixão, que permaneceu fechado o tempo todo. Ele não conversou com ninguém, nem mesmo com Tânia. E, quando sepultaram o corpo de seu pai, o jovem assistiu a tudo de longe, sozinho, isolado dos amigos e familiares. A dor e o ódio queimavam-no por dentro.

Como saldo, a relação de Rubens com a mãe foi completamente destruída.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JULHO DE 2021